

# No compasso da moratória grega

O Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa) desabou 4,83% nesta quinta-feira, enquanto o dólar chegou a bater R\$ 1,95, recuando para R\$ 1,90 no fechamento, em alta de 1,04%, mesmo após intervenção do Banco Central (BC), via *swap* cambial reverso, o que não acontecia desde junho de 2009. Na operação, o BC vendeu US\$ 2,716 bilhões. Na semana, o Ibovespa acumula queda de 6,9%.

Também nos Estados Unidos, os índices Nasdaq e Dow Jones fecharam em forte queda: 3,25% e 3,51%, respectivamente. Na Europa, o Euro Stoxx 50 perdeu 4,90% e o FTSE de Londres, 4,67%. Já o CAC de Paris derreteu 5,25% e o DAX de Frankfurt, caiu 4,96%. Em Madri, o Ibex 35 caiu 4,62% e, em Milão, o FTSE MIB fechou em baixa de 4,52%. Foi o pior dia das bolsas européias em dois anos e dois meses.

As quedas foram provocadas por movimentos especulativos, que devem os-

cilar para cima e para baixo até a decretação formal da moratória da Grécia.

O economista Luís Carlos Prado, professor da UFRJ e presidente do Centro Internacional Celso Furtado, vê forte componente especulativo na queda do real. Apesar de considerá-la positiva para o país, alerta que a velocidade da alta e a volatilidade são nocivas para a economia e para o planejamento das empresas.

“Não faz sentido essa deterioração da moeda no curto prazo. Por outro lado, quem apostava em *carry trade* (pegar dólar barato no exterior para ganhar com juros e com a desvalorização do dólar) viu que o governo inverteu a política e estimula o movimento contrário”, disse.

Para o economista, a indústria considera positivo algum grau de desvalorização do real, “mas no curto prazo o dólar mais caro tem impacto na inflação e, sobretudo, no endividamento das empresas”, adverte.